

RESUMO

Este artigo discute a área de Educação Física e sua possibilidade de abordagem tanto pelas ciências naturais como pelas ciências humanas. Embora considere a existência de ambas no debate acadêmico da área, o texto posiciona-se a favor das ciências humanas, pela possibilidade de ampliação do campo epistemológico da área. A partir das ciências naturais, a Educação Física é uma área que se preocupa com a melhoria da condição física; trabalha sobre um organismo biológico; a ênfase de sua atuação recai sobre a eficiência de movimentos; seu objeto de estudo é o movimento. A partir da abordagem das ciências humanas, a Educação Física é tomada como um fenômeno sócio-cultural; seu objeto de estudo é a cultura de movimento; considera, além da eficiência, a eficácia simbólica dos movimentos; seus conteúdos constituem o patrimônio cultural corporal da humanidade.

Palavras-chave: Educação Física; Ciências Humanas.

Durante muitos anos e até há pouco tempo a Educação Física foi considerada quase exclusivamente como uma área de conhecimento integrante das Ciências Naturais. Assim, as justificativas para sua atuação provinham, via de regra, de explicações biológicas. Acostumamo-nos com as afirmações relacionadas à aptidão física, ao condicionamento físico, ao funcionamento cárdio-vascular, às fases de desenvolvimento motor etc.

Não é intenção desse trabalho uma análise histórica dos motivos que fizeram com que a área de Educação Física no Brasil tivesse essa característica biológica por tanto tempo. Sabemos todos que a discussão sobre a Educação Física no Brasil surgiu a partir do pensamento médico do século XIX, dando os contornos que a área possui até hoje. Essa característica médico-higienista atravessou o século XX, sendo influenciada pelos vários momentos e interesses políticos brasileiros (Betti, 1991; Soares, 1994).

Entretanto, a partir da década de 1980, esse quadro mudou. Não houve, claro, negação completa das ciências naturais e a substituição desta pelas ciências humanas, mas os discursos, antes únicos e convergentes, passaram a ser ampliados. Alguns fatores foram determinantes para essa ampliação, como o período de abertura política no país no início dos anos 1980, a fundação de entidades científicas como o Colegiado Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), o surgimento de cursos de mestrado na área e a busca por titulação acadêmica em áreas das ciências humanas por parte de vários profissionais da Educação Física (Daolio, 1998).

Vários estudos e estudiosos buscaram referenciais nas ciências humanas (Antropologia, Sociologia, História etc.) para compreender melhor os fenômenos da Educação Física. Essa busca fez com que a Educação Física fosse ampliada tanto em termos de campo de atuação, como em termos de campo epistemológico da área. Hoje, se a Educação Física não pode ser compreendida exclusivamente nem como integrante das ciências humanas nem das ciências naturais, o debate acadêmico na área permite a convivência simultânea de vários discursos e explicações. Em alguns momentos esses discursos mostraram-se um tanto sectários e excludentes, tornando conflituoso e, por vezes, impossível o diálogo entre pesquisadores de uma e outra área. Hoje, parece haver maior condescendência entre os estudiosos que pautam suas pesquisas pelas ciências naturais e aqueles que se baseiam nas ciências humanas. Há um reconhecimento de que ambas são necessárias e devem ser feitas dentro de princípios de qualidade. Porém, não se deve esperar plena convergência entre os dois grupos de pesquisa pois os pressupostos de um e outro são diferentes, levando a enquadramentos diferenciados. Seria ingênuo pensar que as duas formas de pensar e pesquisar a Educação Física podem ser justapostas e seus resultados apenas somados.

Valter Bracht, em artigo na década de 1980, já propunha a superação da visão "biológica" de Educação Física, a partir da qual o papel da área seria melhorar a aptidão física dos indivíduos. Propunha também superar a visão "bio-psicológica", que, além da dimensão biológica, seria responsável pelo desenvolvimento psíquico e emocional do indivíduo. Segundo ele, nas duas perspectivas criticadas a análise da relação da Educação Física com o contexto social é funcionalista. Para Bracht (1997), seria necessária uma análise crítica que pudesse identificar o papel social que a Educação Física cumpre na sociedade.

Discutir a Educação Física a partir de fundamentos das ciências humanas também não garante unanimidade nem reduz a polêmica, porque as perspectivas de análise podem ser diferentes. Em outro trabalho, embora reconhecendo o recente aporte de conhecimentos oriundos das ciências humanas e o uso crescente do conceito de “cultura” no debate da Educação Física, afirmamos que ainda persiste a dicotomia natureza/cultura. Algumas abordagens teóricas da Educação Física reconhecem o aspecto biológico e o aspecto cultural, mas os entendem como separados, ou numa relação de causa e efeito, preocupando-se com um deles, negando ou secundarizando o outro (Daolio, 2001).

Pensar a Educação Física pelo recorte das Ciências Naturais implicava e ainda implica pensar o ser humano como um ser biológico e seu corpo como um organismo funcional composto por músculos, ossos, articulações, comandado pelo sistema nervoso. Nessa perspectiva, a justificativa para as ações da Educação Física pode ser encontrada nas características biológicas humanas que, afinal de contas, são muito semelhantes. Em qualquer parte do mundo todos os seres humanos, em condições biológicas normais, possuem os mesmos órgãos e o mesmo número de ossos colocados nos mesmos lugares e interligados pelos mesmos músculos e tendões. Portanto, nessa linha de raciocínio, a mesma atividade deve ser ministrada para todos os alunos ou atletas, esperando-se os mesmos efeitos e consequências biológicas. Isso talvez explique a tendência histórica da Educação Física – principalmente a escolar – em padronizar procedimentos, tais como medidas mínimas, marcação de tempo, repetição de gestos esportivos, coreografias rígidas, ordem unida etc.

Essa exclusividade biológica que durante muitos anos foi determinante na Educação Física levou a um conceito de intervenção pedagógica como um processo somente de fora para dentro no ser humano, atingindo somente sua dimensão física, como se ela existisse independentemente de uma totalidade, desconsiderando, portanto o contexto sócio-cultural onde esse ser humano está inserido. A tendência era de uma ação sobre o corpo físico, passível de treinamento visando à repetição de técnicas de movimento, sejam as esportivas, de ginástica ou de atividades rítmicas. Era como se a Educação Física fosse responsável pela intervenção sobre um corpo tido como natural e sem técnica, a fim de conceder a ele padrões mínimos de funcionamento para a vida em sociedade.

A partir do recorte das ciências naturais, o sistema nervoso é tomado como o núcleo do ser humano, sendo responsável por todas as suas ações. A atuação na sociedade e o reconhecimento dos aspectos culturais podem até ser levados em conta, mas como consequência do sistema nervoso. Entende-se, por exemplo, a afirmação dos estudiosos da abordagem desenvolvimentista na Educação Física de que os movimentos culturalmente determinados são desenvolvidos a partir dos doze anos de idade (Tani et al, 1988). Antes dessa idade, os movimentos são geneticamente determinados, denominados de reflexos, rudimentares ou fundamentais. Nessa perspectiva há, sem dúvida, o reconhecimento da dimensão cultural, mas como se ela estivesse fora do indivíduo e pudesse ser a ele oferecida somente a partir de uma certa maturação biológica.

Compreende-se também a afirmação de que o objeto de estudo da Educação Física é o movimento humano, como insistem os desenvolvimentistas. Assim, a Educação Física trata do estudo e aplicação do movimento e as aulas de Educação Física devem propiciar condições para a aprendizagem de movimentos a partir de padrões sugeridos pelas fases do desenvolvimento. Dessa forma, os conteúdos de ensino da Educação Física escolar são definidos a partir de conhecimentos sobre processos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem motora, havendo relação direta entre as fases normais do desenvolvimento infantil e as tarefas propostas às crianças. O que é priorizada é a aquisição de habilidades motoras e de padrões de movimento por parte do aluno (Tani et al, 1988).

Afirmar que a Educação Física trata do movimento humano implica secundarizar a dimensão cultural em relação ao sistema nervoso, afirmando a base biológica humana como primordial para a compreensão da área, como se a cultura fosse apenas consequência ou produção das atividades cerebrais.

Na perspectiva das ciências naturais, a ênfase está na eficiência do movimento, em sua execução perfeita, econômica, como se o objetivo da Educação Física fosse alcançar a perfeição da técnica. A Educação Física, historicamente, sempre defendeu o ensino de uma técnica para o saque no voleibol, ou de uma técnica para a bandeja no basquetebol, a técnica de um movimento ginástico ou de dança, elegendo alguns movimentos como melhores e desconsiderando outras formas de expressão corporal. Essa

técnica sempre foi considerada de maneira exclusivamente instrumental.

Tradicionalmente, as obras específicas da área nada mais faziam do que coletar um conjunto de movimentos considerados eficientes e perfeitos para determinada finalidade, dividindo-os em estágios de uma sequência pedagógica para o seu ensino. Assim, uma única maneira de executar um movimento tornava-se o padrão de correção, e todas as outras formas eram tidas como errôneas, incompletas ou variantes menos desejáveis da técnica considerada perfeita. Um gesto técnico passou a ser aquele movimento eficiente, seja em termos biomecânicos, fisiológicos ou esportivos. Fazendo isso, a Educação Física acabou por privilegiar certos alunos que já sabiam executar os movimentos tidos como eficientes, subjugando aqueles que apresentavam outras formas de expressão, fruto de outras experiências, valores diferentes e interesses específicos.

A partir dessa concepção de área, não houve espaço nem interesse em aspectos estéticos, expressivos, artísticos, culturais ou subjetivos. A Educação Física restringiu-se a uma área de aplicação de técnicas esportivas ou ginásticas sobre um ser humano dotado apenas de um corpo físico.

Por outro lado, analisar a Educação Física sob a ótica das ciências humanas permite ampliar os referenciais de análise e as perspectivas de atuação sobre o ser humano. Primeiramente, porque a Educação Física passa a ser vista como um fenômeno sócio-cultural, ou um “fato social total”, na feliz expressão do antropólogo Marcel Mauss (1974). O enquadre da Educação Física pelas ciências naturais, por mais competente e criativo que possa ser, não permite a consideração da área como fenômeno social, cultural, político, ideológico ou histórico. Por outro lado, como um “fato social total”, a Educação Física pode ser compreendida nas suas várias dimensões e interfaces, inclusive com as ciências naturais. Para Marcel Mauss, um “fato social total” pressupõe a totalidade na consideração do ser humano, englobando os aspectos fisiológico, psicológico e sociológico presentes em todas as ações humanas. Essas três dimensões estariam interligadas e expressas em todas as condutas humanas, não sendo possível dissociá-las. Em outras palavras, qualquer ação humana conteria os três aspectos, não podendo ser explicada por um único ponto de vista. Ora, para a Educação Física essa união é até hoje problemática, sendo o ser

humano considerado unicamente ou primordialmente como entidade biológica, sendo as outras dimensões desconsideradas ou menos valorizadas.

Pelas ciências humanas, a dimensão da cultura ganha relevância, tornando-se a principal categoria para se pensar a Educação Física. Como consequência, o objeto de estudo e aplicação da área não é o movimento ou o corpo ou o esporte ou a ginástica, mas a cultura, não toda e qualquer cultura, mas a parte dela circunscrita às expressões corporais, aos conceitos sobre corpo, às criações humanas ligadas à dimensão corporal. A Educação Física torna-se a área que considera o homem eminentemente cultural, contínuo construtor de sua cultura relacionada aos aspectos corporais. Dai a importância e atualidade da expressão “cultura corporal de movimento”, utilizada com algumas variações por diversos autores contemporâneos da Educação Física brasileira (Daolio, 2002).

Diferentemente da perspectiva das ciências naturais, que, na discussão da Educação Física, tomava o sistema nervoso como núcleo humano procurando adequar os conteúdos escolares a serem trabalhados às fases de desenvolvimento motor da criança, a partir das ciências humanas esse processo é invertido. Os conteúdos a serem trabalhados com os alunos são aqueles que constituem o patrimônio cultural corporal da humanidade, como as formas de esporte, os jogos, as danças, dentre outros. É óbvio que os fatores biológicos podem e devem ser considerados para que a aprendizagem possa ocorrer de forma efetiva, mas o aspecto cultural é prioritário, uma vez que os conteúdos da Educação Física – jogo, ginástica, esporte, dança, luta – são construções humanas ao longo da história e devem ser possibilitadas a todos os indivíduos.

Se na perspectiva das ciências naturais, a Educação Física buscava a eficiência do movimento, a partir das ciências humanas, além da eficiência, considera-se também a eficácia simbólica, ou seja, as maneiras como os alunos constroem, praticam e lidam culturalmente com as formas de ginástica, as lutas, os jogos, as danças e os esportes. Falar em eficiência de movimentos implica pensar no fim, no resultado, no produto final em curto prazo. Falar em eficácia simbólica implica considerar o processo, o meio pelo qual os alunos buscam alcançar seus objetivos, as diferenças de significados entre grupos diferentes.

É justamente essa característica que distingue o ser humano dos outros animais. Enquanto esses últimos apenas reproduzem movimentos, podendo até realizá-los com certa eficiência, os humanos continuamente atribuem significados culturais às suas ações, variando as formas de execução, transformando-as, criticando-as e executando-as com objetivos os mais variados possíveis.

Não se pretende, nessa discussão, opor os conceitos de eficiência e eficácia simbólica, como se fossem excludentes, mesmo porque o movimento mecanicamente eficiente é dotado, inegavelmente, de significados culturais. Entretanto, não se pode discutir a Educação Física somente como produtora e reprodutora de movimentos perfeitos, negando o fato de que o corpo, por ser constituído culturalmente, expressa movimentos diferentes ou os mesmos movimentos com significados variados.

Se a Educação Física escolar, a partir das ciências naturais, realiza sua atuação pedagógica partindo do indivíduo em direção à sociedade, a partir das ciências humanas o processo é contrário, da sociedade para o indivíduo. Se os conteúdos escolares da Educação Física, no primeiro caso, são definidos a partir das características biológicas humanas, no segundo, é a sociedade que os irá determinar, uma vez que se constituem em patrimônios culturais construídos pela humanidade e continuamente atualizados e ressignificados.

Se a abordagem das ciências naturais na Educação Física parte das semelhanças biológicas entre os seres humanos – fases de desenvolvimento motor, características biológicas, manifestações orgânicas, classificações –

, a perspectiva das ciências humanas considera o ser humano a partir das suas diferenças – individuais, sociais, culturais ou expressivas. Se a primeira considera a atuação do indivíduo no mundo como expressão de seu componente biológico interno, a segunda faz da ação humana seu componente prioritário. Porque não existe indivíduo em si, abstrato, descontextualizado do mundo. O ser humano existe sempre em relação, sempre imerso numa dinâmica cultural, sempre significando suas ações. Se a Educação Física, como área acadêmica que atua diretamente com os seres humanos, pretende fugir tanto de uma cientificidade desumana como de um humanismo não científico (Laplantine, 1988), ela precisa considerar para suas análises os preceitos das ciências humanas.

EDUCAÇÃO FÍSICA

CIÊNCIAS NATURAIS CIÊNCIAS HUMANAS

Organismo	Corpo
Semelhanças	Diferenças
Eficiência	Eficácia Simbólica
Indivíduo → Sociedade	Sociedade → Indivíduo
Movimento	Cultura de Mov

Referências Bibliográficas

- BETTI**, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT**, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. In: **BRACHT**, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. 2ed. Porto Alegre: Magister, 1997, p.57-69.
- DAOLIO**, Jocimar. *Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980*. Campinas: Papirus, 1998.
- DAOLIO**, Jocimar. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. In: **CARVALHO**, Yara Maria de; **RUBIO**, Kátia (Orgs.) *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- DAOLIO**, Jocimar. *A cultura DA/NA educação física*. Tese de livre docência. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- LAPLANTINE**, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MAUSS**, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974, 2v.
- SOARES**, Carmen. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.
- TANI**, Go et al. *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

1- Universidade Estadual de Campinas
Docente da Faculdade de Educação Física - FEF.